

**A CRISE ACTUAL, OS PROJECTOS DE
REFORMA NA REGULAÇÃO NACIONAL,
REGIONAL E INTERNACIONAL**

Júlio Mota

Luís Lopes

Margarida Antunes

(Coordenadores)

ÍNDICE

1. Sinopse de *Let's make money*, documentário de Erwin Wagenhofer, Áustria, 2008, 110 min

Mathilde Blottière

2. *Let's make money*: uma ode involuntária às teses da Alternativa Liberal

ACNM

3. *Let's make money*

Nicolas Bardot

4. *Let's make money*: uma acusação estridente contra a finança mundial

Thomas Sotinel

5. O inferno capitalista: *Let's make money*, filme documentário do austríaco Erwin Wagenhofer

Romain Genissel

6. *Let's make money*: a cor do dinheiro

7. Entrevista com o realizador de *Let's make money*, Erwin Wagenhofer

Mathilde Blottière

1. Sinopse de *Let's make money*, documentário de Erwin Wagenhofer, Áustria, 2008, 110 min

Mathilde Blottière

Depois de *We feed the world*, documentário-acontecimento sobre a nossa alimentação, o realizador Erwin Wagenhofer regressa com *Let's make money*. O filme acompanha e regista o trajecto do nosso dinheiro até este se fundir no sistema financeiro mundial. Este documentário impressionante é, na verdade, o primeiro filme a desmontar as bases do sistema neoliberal e as suas consequências humanas, demográficas e ecológicas.

Crítica televisiva do TELERAMA

Depois de *We feed the world*, filme-acontecimento sobre as derivas pouco agradáveis da indústria agro-alimentar, o realizador austríaco Erwin Wagenhofer continua a sua cruzada. Na sua mira, desta vez, o dinheiro. Anunciando a crise dos *subprimes*, *Let's make money* desmonta um a um os circuitos tortuosos da finança mundial, das minas de ouro do Zaire ao paraíso fiscal da ilha Jersey. Ao longo da sua demonstração, o ex-jornalista assinala as consequências concretas de uma economia governada pela ganância: eléctricos em Viena privatizados, milhares de milhões de dólares que dormem ao sol, “assassinos económicos” catequizados pelos países ricos para explorarem ao máximo o terceiro mundo endividado...

O capitalismo financeiro, conceito ah! De que maneira é abstracto, toma conta dos nossos corpos, literalmente. Acreditava-se que não tem rosto e aí está ele, aí estamos nós a cruzar-nos com ele em pessoa, através dos traços de um investidor austríaco que contempla, a partir do habitáculo climatizado do seu 4x4, uma mão-de-obra exótica e bastante barata. Subtil até na sua maneira de manipular a ironia, o cineasta filma os seus interlocutores nos transportes, como para fazer ironia com estes homens apressados, para quem o tempo continua ainda hoje a ser, e como o será sempre, dinheiro. Mas é também a nós, cidadãos comuns dos países ricos, que ele se dirige. Defensor de uma redistribuição equitativa das riquezas, coloca-nos a todos a questão essencial: será que ser é ter?

Disponível em <http://television.telarama.fr/tele/films/let-s-make-money.12531934.php>, 17 de Abril de 2010

2. *Let's make money*: uma ode involuntária às teses da Alternativa Liberal

ACNM

O movimento altermundista é regularmente alimentado por filmes que têm a pretensão de nos fazer compreender até que ponto o neoliberalismo é o problema.

Let's make money, de Erwin Wagenhofer, é um destes pequenos livros vermelhos do século XXI.

Em 1 h e 47 minutos, e no fim de um balanço de carbono desastroso (passe do Burkina Faso ao estado de Tamil Nadu, passando pela Costa Brava, pelo Ruhr, pela Florida), Wagenhofer tenta mostrar que o Norte aplica políticas económicas que não só conduzem a uma exploração intensiva do Sul com também são uma ameaça para a coesão social dos países europeus.

Com efeito, Wagenhofer utiliza os termos do comércio desigual, da ganância dos meios financeiros, do não respeito pelo ambiente, da existência dos paraísos fiscais, para demonstrar que o neoliberalismo conduz à catástrofe: crise ecológica, crise social, crise financeira, igualmente.

Nada é menos certo.

Por um lado, o ponto de vista de Wagenhofer é perfeitamente parcial. Não sendo francês, Wagenhofer escapa ao abuso do plano tese-antítese-síntese. Não há nenhum mal nisso. Mas onde a questão dói, o espectador é confrontado directamente com uma situação absurda (apartamentos vazios em Espanha, apartamentos que “os jovens não podem pagar”), o que *a priori* é revoltante (um proprietário capitalista puro e duro austríaco visita a sua fábrica na Índia e afirma que é necessário aumentar a pressão sobre os salários) ou inquietante (um proprietário do Burkina Faso de uma PME ameaça a Europa com a invasão se os europeus não o vierem ajudar). Em nenhum lado são visíveis as contrapartidas desta situação.

Por outro lado, Wagenhofer pretende analisar ao detalhe a economia através dos políticos (os ministros de Jersey ou o deputado socialista alemão), escritores activistas (John Perkin) e sociólogos.

Estes dois pontos são criticáveis.

Para já, podemos interrogar-nos, “procurar explicações”, porque é que nenhum dos exemplos citados é acompanhado de comparações. A bolha espanhola é talvez fruto do investimento descontrolado dos *hedge funds* incompetentes. Mas o crescimento espanhol dos dez últimos anos, a forte expansão efectiva da construção e o seu efeito de arrasto não tiveram eles impacto positivo real na vida dos espanhóis? Mostrar aldeias de férias, vazias, fora de estação, tem algum sentido? É um pouco como se filmássemos o Parque do Chateau de Versailles numa Segunda-feira, numa manhã de Novembro, e chegássemos à conclusão que o Estado francês fez um muito mau investimento.

Do particular, passa-se ao geral. Mirko Kovatz, o proprietário austríaco, será ele representativo do patronato ocidental? Pode ser, pode não ser. O filme por si só não nos permite chegar a uma conclusão.

De uma maneira mais global, Wagenhofer mantém sempre a ambiguidade, como Michael Moore, a propósito da fronteira entre a reportagem, o documentário e o filme, com tudo o que isto supõe de encenação. Tenho, por exemplo, dificuldade em acreditar que duas mulheres do Burkina Faso (no filme, as pessoas de Burkina Faso representam os africanos, como se o Burkina Faso seja representativo de África) possam “pedir a ajuda” dos europeus que verão o filme de maneira ligeira.

A propósito da segunda observação, tem-se pedido aos economistas da área da energia, aos sociólogos ou mesmo aos ministros que nos expliquem

Chernobil, um fenómeno sobre o qual afinal só os físicos estão *a priori* em condições de nos dar uma explicação? Pedir-se-ia a um economista da saúde ou a um sociólogo especializado no estudo da classe médica que explicassem esta ou aquela epidemia? Não. O seu contributo seria interessante mas em complemento da explicação de base. De imediato, procurar explicar situações em que se vende e depois se aluga eléctricos através de alguém como um banqueiro parece-nos um pouco bizarro.

Não há nenhum problema evocado no filme que não responda a uma problemática associada à regulação dos mercados, realmente.

No entanto, no final, o filme tem um interesse inesperado: é uma ode ao liberalismo. Com efeito, Wagenhofer sublinha que o comércio mundial de matérias-primas agrícolas é obstruído pelas subvenções maciças que os agricultores europeus e americanos recebem. Uma conclusão se impõe. É tempo de os políticos dos Estados Unidos e da Europa aplicarem a eles próprios o liberalismo que impõem ao resto do mundo desde o fim dos anos 70. E é igualmente tempo para os europeus, que beneficiaram do liberalismo económico e social durante as Trinta Anos Gloriosos, e mesmo parcialmente depois, difundirem as boas práticas em vez de fecharem a porta. É por conseguinte tempo para outra Europa. Uma Europa Liberal.

Comentários

Os vossos argumentos são interessantes porque levantam questões. Dirijome a vós a partir do que dizem (“Wagenhofer sublinha que o comércio mundial de matérias-primas agrícolas é travado pelas subvenções maciças

que os agricultores europeus e dos Estados Unidos recebem”). É verdade, recebem. Mas a vossa conclusão peca pelo excesso, salta por cima da realidade e sobre isso vou apresentar um exemplo.

Está ligado ao seguinte: uma empresa tipicamente capitalista está interessada em comprar borracha a preços interessantes para a produção de pneus de automóveis americanos. Sendo assim, não há aqui qualquer problema, compram-se terras na Libéria, que com prazer as tiram aos camponeses, vendem-se ou alugam-se aos americanos que irão, de seguida, plantar as héveas e contratar os camponeses para trabalharem nas plantações. Outra vantagem, o camponês deverá comprar o seu arroz no mercado, este será importado, custará mais caro (aquilo faz andar o comércio, dirão os senhores?) etc... Aqui, o exemplo de liberdade é total, não há nenhuma questão com os subsídios e resultado é aquele que se vê, nada entusiasmante.

Marielle Billy

Desolado. Para voltar à desigualdade na troca, dado que é disto que se trata, há mesmo assim uma continuidade entre pós-colonização, “ajuda” humanitária do tipo arroz para a Somália, apoio às ditaduras ou às soluções locais e, agora, subvenções. É efectivamente um ultra-liberalismo global.

Resposta do jornalista ACNM

Obrigado pela vossa resposta mas penso que está a sonhar... o liberalismo americano (é um exemplo) estendeu-se por todos os mercados e quando vocês dizem “ajuda humanitária do tipo arroz para a Somália, apoio às ditaduras ou às soluções existentes”, isto é um dos instrumentos do liberalismo forrado às vezes de uma moral barata (o humanitarismo), às vezes de corrupção. Não conheço nenhum país liberal que tenha imposto o mais pequeno limite nestes domínios, daí minha conclusão: o liberalismo só funciona enquanto tiver como suporte um desequilíbrio e enquanto o mantiver.

Marielle Billy

Mas se os camponeses americanos são ultra subvencionados, será que se pode falar de liberalismo? Não, certamente. Em matéria agrícola, os únicos liberais são o Brasil e os outros BRIC, de modo nenhum os EUA e a UE.

Resposta do jornalista ACNM

Posso segui-los mas... no Brasil, qual o argumento para justificar que a prática “liberal” das empresas agrícolas, por exemplo (plantação de soja), destrua regularmente a floresta amazónica e que o faça alegremente à custa dos índios que vêem a sua “liberdade” profundamente atingida porque são

economicamente fracos??? A menos que se tenha uma posição “de darwinismo social”: os fracos são sempre vencidos e dão lugar aos mais fortes, e é assim que as coisas vão sendo feitas. Mas creio que o liberalismo se apoia sempre numa fragilidade que utiliza sem qualquer travão.

Marielle Billy

Muito boa questão, esta história do não respeito dos direitos de propriedades dos ameríndios, completamente de acordo. Não respondo, por falta de informações precisas, de momento.

Resposta do jornalista ACNM

ACNM apresenta-nos os 2% do modelo ocidental que não se comportam numa lógica liberal para nos explicar que o mundo não é liberal. Mas eu vou continuar a olhar para os 98% restantes e poder claramente dizer que o mundo é liberal. Mesmo assim, uma palavra sobre a agricultura, dado que dela se fala: se estou de acordo em fustigar as subvenções americanas e europeias, a solução não é certamente uma maior liberalização das trocas mas, antes pelo contrário, a solução passa por uma reafecção das produções, um retorno à soberania alimentar em todos os países. Sendo

assim, é necessário continuar a ler/olhar para as informações altermundialistas, ACNM, pois restará sempre qualquer coisa.

Le Père Vert Pèpère

Poder-me-á dizer como é que faz esta repartição e o que é que representam os seus 98%? Senão, não há nenhuma oposição entre reafecção e liberalização. Os tomates de Marrocos no Inverno são possíveis porque certos intervenientes da cadeia de valor não pagam todos os seus custos.

Resposta do jornalista ACNM

No artigo diz-se:

“No entanto, no final, o filme tem um interesse inesperado: é uma ode ao liberalismo. Com efeito, Wagenhofer sublinha que o comércio mundial de matérias-primas agrícolas é obstruído pelas subvenções maciças que os agricultores europeus e americanos recebem. Uma conclusão se impõe. É tempo de os políticos dos Estados Unidos e da Europa aplicarem a eles próprios o liberalismo que impõem ao resto do mundo desde o fim dos anos 70. E é igualmente tempo para os europeus, que beneficiaram do liberalismo económico e social durante as Trinta Anos Gloriosos, e mesmo parcialmente depois, difundirem as boas práticas em vez de fecharem a porta. É por conseguinte tempo para outra Europa. Uma Europa Liberal.”

Os trabalhos da FAO e das Nações Unidas, por um lado, e as críticas sobre a acção do Banco Mundial e do FMI na reestruturação da agricultura à escala mundial, pelo outro, mostram-nos que o liberalismo de que parecem gostar tanto faz as suas devastações e está na origem das última crise alimentar.

POJ

A agricultura dos Estados Unidos e da Europa é arqui-subsencionada, por um lado, e o FMI e a FAO aplicaram uma política dirigista de inserção no comércio mundial por especialização. Não é exactamente liberalismo. O liberalismo é a ausência de subsídios mais o respeito pelos direitos de propriedade, P. Ohl-Juchs, não estando certo assim que a crítica seja aceitável.

Resposta do jornalista ACNM

ACNM, “*Let's make money : une ode involontaire aux theses d'Alternative Liberale*”, disponível em <http://blogs.mediapart.fr/blog/acnm/220409/let-s-make-money-une-ode-involontaire-aux-theses-d-alternative-liberale>, 22 de Abril de 2009

3. Let's make money

Nicolas Bardot

O filme segue o rasto do nosso dinheiro até à sua utilização no sistema financeiro mundial. Este documentário impressionante é na verdade o primeiro filme a desmontar as bases do sistema liberal e a mostrar as suas consequências humanas, demográficas e ecológicas.

A cor do dinheiro

Descobrimos o austríaco Erwin Wagenhofer quando ele há dois anos se apresentou com o filme *We feed the world*, documentário que nos alerta para os pequenos segredos que enchem os nossos pratos à mesa de jantar, uma agricultura doente sob o fogo da mundialização. O seu novo documentário, *Let's make money*, quase que nos aparece como um complemento, que se preocupa com as raízes da crise económica mundial e com a representação, como no seu anterior filme, do efeito borboleta que a acompanha. Visão global da desregulação financeira pelos quatro cantos do planeta, mas em que os momentos mais notáveis estão talvez mais próximos; é o caso da sequência em que Wagenhofer filma uma cidade fantasma em Espanha, construída simplesmente enquanto espaço de tempos livres. De *We feed...* a *Let's make money*, o realizador demonstra uma vez mais um sentido do absurdo bastante glacial. Mas, para além do aspecto tentacular do tema, o interesse de *Let's make money* é por vezes mantido de

forma um pouco rígida — se ele não procura certamente brincar à maneira de Michael Moore, Wagenhofer e a sua sucessão de entrevistas de papás em BMW podem, uma vez ou outra, dar a impressão de um curso magistral. Mas a análise é bem documentada e o filme é percorrido por momentos que bem nos agarram.

Disponível em <http://www.filmdeculte.com/cinema/film/Lets-Make-Money-2921.html>

4. *Let's make money*: uma acusação estridente contra a finança mundial

Thomas Sotinel

A ambição apresentada pelo cineasta austríaco Erwin Wagenhofer consiste em fazer o retrato do planeta que está sob o poder da alta finança em cento e sete minutos. Separado em longas sequências, Let's make money passa de personagens em diferentes situações a defesas de causas em estilo de reportagem.

Ver-se-á uma mina de ouro a céu aberto no Gana, camponeses do Burkina Faso que cultivam algodão, o responsável da secção financeira do *Neue*

ZürcherZeitung, os estaleiros da construção civil da Andaluzia, o deputado social-democrata alemão Herman Scheer.

Em nenhum momento se pode duvidar da intenção do realizador Erwin Wagenhofer: o dinheiro é o veículo da opressão. Os camponeses do Sahel produzem o melhor algodão do mundo, mas as subvenções americanas aos agricultores do Sul impede-os de aceder ao mercado mundial; o jornalista suíço, membro da ultraliberal Sociedade Mont Pèlerin, defende o direito dos habitantes dos países ricos de se aproveitarem dos bens acumulados sem os estar a partilhar com o resto da humanidade.

E, no entanto, no fim destes cento e sete minutos, nada mais parece ficar para além desta colagem de histórias militantes. As sequências são demasiado curtas para que as personagens existam. Dir-se-ia que Wagenhofer as escolheu em função do que esperava delas e que nada lhe poderia de pior acontecer do que ser por elas surpreendido.

Uma desagradável partida

O proprietário austríaco de uma fábrica indiana será assim um monstro de sangue frio, o responsável do Burkina Faso pela exploração algodoeira um defensor dos direitos dos oprimidos. Para mal do realizador, a história pregou-lhe uma desagradável partida. O filme foi rodado antes de a crise financeira alertar para os teoremas sobre os quais operam os actores do filme. Não que o rompimento da bolha financeira tenha alterado a maneira de ver de um *trader* de Singapura, mas as questões às quais deve responder hoje já não são as que lhe colocou Wagenhofer há três anos. Esta

obsolescência vem ainda enfraquecer as intenções do filme sobre o qual se pergunta de passagem porque é que lhe foi dado um título enunciado na linguagem de Milton Friedman.

Thomas Sotinel, “*Let's make money*: un requisitoire strident contre la finance mondiale”, *Le Monde*, 14 de Abril de 2009

5. O inferno capitalista: *Let's make money*, filme documentário do austríaco Erwin Wagenhofer

Romain Genissel

Altamente preocupado com o espectro de uma crise económica sem precedentes, Let's make money pode bem estar a ser considerado o último documentário sobre as derivações do nosso sistema neoliberal. Depois de um profundo mergulho no terrível mundo dos negócios no sector agro-alimentar (We feed the world), Erwin Wagenhofer convida-se junto dos actores de uma economia desregulada e consegue assim alcançar os mecanismos abusivos de um mercado viciado. Da mesma maneira que o presente permanece incerto, o documentário deixa temer que o pior ainda está para vir.

Enquanto no final de 2008 o mundo foi atingido pela queda em cascata dos bancos e dos grandes grupos industriais, a maior parte descobria o outro lado, o avesso, de um mercado económico baseado em fundos especulativos e em outros paraísos fiscais. Ora, o documentário de Wagenhofer tem a particularidade de ter sido realizado antes deste grande desmoronamento dos pilares económicos. A investigação constitui então uma espécie de projecção louca e bem real do que deveria inexoravelmente perfilar-se depois desta corrida aos lucros. O documentário permite então apreender a engrenagem de uma globalização efectuada por um punhado “de assassinos neoliberais” com um sangue frio monstruoso. *Let's make money* atravessa então, com precisão, os lugares de uma mundialização onde a livre circulação rima geralmente com a escravatura moderna.

A abordagem pedagógica de Wagenhofer leva-nos desde o seu início à Suíça, à Sociedade Mont Pèlerin, onde, desde a sua criação, os economistas imaginaram um sistema neoliberal que deve favorecer, à escala mundial, a economia de mercado. O documentarista refaz então a evolução deste pensamento que, na sequência do primeiro choque petrolífero e tendo no horizonte o decrescimento económico, levou a que quatro medidas tenham sido tomadas: a desregulação dos mercados financeiros, a concentração dos fundos de investimento, a liberalização dos grupos nacionais e o enfraquecimento do Estado intervencionista. Todas elas são sinais da impunidade total dos agentes do sistema e de um modelo alargado agora ao mundo inteiro.

E o filme de Wagenhofer prossegue então os grandes grupos deslocalizados na Índia, em África para ouvir a sua voz e o seu apetite insaciável de exploração. Desde o industrial que afirma claramente que o investidor não

tem que se preocupar com ética e que sublinha que “o melhor momento para comprar é quando o sangue se espalha na rua”, o espectador é confrontado com uma voz tão fria como o aço. E então a montagem deixa a desmesura de tal intenção navegar nas geografias miseráveis destes países ditos emergentes ou mostra como uma palavra de desconsideração pode produzir um impacto e tais devastações no centro destas regiões “em desenvolvimento”... Refrão tão conhecido como aquele que, em nome dos lucros, as sociedades exploram uma massa salarial e mantêm por sua conta o Terceiro Mundo como uma classe operária.

Mas não haverá nenhuma dúvida que a parte mais eficaz do documentário se situa nos países ocidentais, na costa espanhola, nas vizinhanças do FMI e por detrás da cortina abstracta da ilha Jersey. Onde em *We feed the world* a cultura intensiva espanhola revelava paisagens devastadas, os especuladores imobiliários fazem surgir da terra enormes complexos hoteleiros. Monstros esvaziados de qualquer cliente e dos quais ficaremos a saber que a sua construção tem como únicos objectivos o de fazer andar a actividade económica e o de continuar a especular. Desde então, as reservas mundiais do FMI têm aumentado e prosperam por esta via, dando origem a somas com o aspecto de simulações gigantescas. E os paraísos fiscais como os de Jersey fecham o círculo, revelando as montanhas de lucros acumulados por sociedades cujo único objectivo é o de esconder e gozar deste extraordinário capital.

Estas divulgações, desde a crise e o pânico que atingiu as bolsas, não passam agora evidentemente de mais um segredo de polichinelo, mas é bem através das imagens deste documentário que se compreendem ainda melhor os disfuncionamentos de tal sistema. Os avisos de um proprietário africano

sobre a chegada crescente de trabalhadores clandestinos às portas do ocidente revelam então as futuras consequências da exploração geral “dos países em desenvolvimento”. É o que resulta assim desta constatação trágica perturbada e sufocante. Como se a saída para fora dos muros não fosse uma libertação mas sim, uma vez mais, a continuidade de um sistema que corre para a sua queda, para a sua perda, e do qual cada um de nós não poderá ser outra coisa que um elemento prisioneiro da sua marcha forçada.

Romano Genissel, “L’enfer capitaliste: *Let’s make money*”, disponível em <http://www.critikat.com/Let-s-Make-Money.html>

6. *Let's make money*: a cor do dinheiro

O documentário sobre a mundialização será que se tornou em si um tipo de fazer cinema, um outro tipo de documentário? No mesmo dia em que sai *Katanga Business*, de Thierry Michel, sai também *Let's make money*, o novo filme do austríaco Erwin Wagenhofer.

Em 2007, o realizador austríaco alertava-nos com *We feed the world* para as derivas económicas, humanas e ambientais “de um mercado mundial da fome” que ia conduzir à crise alimentar planetária. Hoje, *Let's make money* debruça-se sobre “o trabalho do dinheiro”, nomeadamente sobre o facto de o dinheiro poder levar a ganhos fora da esfera da produção, sem ser pelo

emprego de trabalho humano ou mecânico; o filme desmonta assim a mecânica de um sistema que conduziu à crise económica e financeira actual.

A análise efectuada por Wagenhofer situa-se imediatamente à escala mundial: a partir das primeiras imagens do filme, mostra-nos que o ouro penosamente extraído no Gana por trabalhadores em situação de miséria é enviado para a Suíça onde é armazenado sob a forma de lingotes perfeitamente polidos — e do seu valor, 97% fica na mão dos ocidentais e apenas 3% daquele fica para os africanos... Todo o documentário segue as ramificações de uma mundialização financeira que atinge o conjunto do planeta através dos fundos de pensões, de investimentos internacionais, de actores como os chefes de empresa, os investidores, ou ainda como os governadores de paraísos fiscais. Os contrastes Norte-Sul, os fenómenos transnacionais, o papel das empresas multinacionais são assim bem visíveis.

Certos factos analisados por *Let's make money* são menos conhecidos do grande público — como as relações entre a City de Londres e a ilha de Jersey, jurisdição secreta que permite a numerosas sociedades não pagar impostos e disporem, ao mesmo tempo, da integralidade do seu dinheiro em Londres; ou o facto de existirem, entre outros sítios, na Costa do Sol espanhola, investimentos imobiliários que funcionam literalmente no vazio e que têm como única finalidade gerar lucros e não alojar pessoas; ou sobretudo o papel de indivíduos apelidados de “chacais”, de entre os quais o mais conhecido, John Perkins, descreve no ecrã a sua função tal como o tinha feito no seu livro: estes verdadeiros “assassinos financeiros” são enviados pelas grandes empresas ocidentais (com o apoio dos seus respectivos governos) para países do Sul, onde os incentivam a endividarem-se junto do FMI ou do Banco Mundial para, ao ficarem em

situação de incapacidade de liquidação dos compromissos financeiros assumidos, em situação de incumprimento ou de ruptura de pagamento, de que agora tanto se fala, se tornarem seguidamente dependentes dos investidores ocidentais — e terem que lhes entregar as suas matérias-primas ou ainda terem de se sujeitar às suas exigências diplomáticas.

Por fim, facto interessante, o documentário de Erwin Wagenhofer reconstitui as etapas desta mundialização ultraliberal, lembrando o papel da Conferência do Mont Pèlerin de 1947, que inspirou o Consenso de Washington dos anos 70, assim como o neoliberalismo impulsionado por Margareth Thatcher e Ronald Reagan, nos anos 80.

Os alunos encontrarão neste filme imagens e testemunhos concretos sobre um sistema complexo e do qual se deve conhecer os principais mecanismos. Contudo, o objectivo é de tal forma virulento contra os vencedores desta mundialização financeira que acaba, por vezes, por não ficar longe de uma teoria da conspiração. Procedendo infelizmente a algumas lamentáveis simplificações (sobre as relações entre investidores e locais de investimento, por exemplo), *Let's make money* privilegia o sensacional (assim entendemos as declarações cínicas de alguns empresários sem alma: “o melhor momento para comprar é quando o sangue se espalha na rua. Ainda que seja o vosso”) em relação a uma análise exaustiva da complexidade da situação (ao contrário de *Katanga Business*). Embora separado por capítulos que nos querem orientar no raciocínio, o filme perde-se nos meandros dos fluxos financeiros de que nem sempre se compreende a lógica. Não é necessário

procurar aí uma compreensão global da mundialização financeira, mas antes algumas exemplificações laterais.

“*Let's make money*: la couleur de l'argent”, disponível em <http://www.zerodeconduite.net/blog/index.php?itemid=18693>, 15 de Abril de 2009

7. Entrevista com o realizador de *Let's make money*, Erwin Wagenhofer

Mathilde Blottière

Em *We feed the world*, saído em 2007, o documentarista Erwin Wagenhofer interpelava os cidadãos dos países ricos: continuem a querer empanturrarem-se de morangos no Natal que destroem o planeta, esfomeando o Terceiro Mundo. Com *Let's make money*, saído muito recentemente, o realizador vai mais fundo ainda. Ao longo de uma demonstração implacável, explica-nos como é que nós, inocentes contribuintes, alimentamos, sem o saber, a mais iníqua das mecânicas: o sistema financeiro internacional. Um reencontro com o realizador nada apreciado pelos neoliberais de todos os quadrantes.

Após as devastações ecológicas e humanas da indústria agro-alimentar, vira-se para as aberrações do sistema financeiro mundial. Como passou de um tema para o outro?

Fez-se naturalmente. Depois de ter questionado a proveniência dos nossos alimentos, decidi inquirir o destino do nosso dinheiro e o uso que dele fazem os bancos. *Let's make money* começa, de resto, onde terminava *We feed the world*: no Mont Pèlerin, acima do lago Léman, na Suíça. É aí que se situa a sede mundial da Nestlé, um dos maiores grupos agro-alimentares do planeta. Em *We feed the world*, o presidente da multinacional tinha-me confiado o seu sonho: privatizar a água... Para *Let's make money*, voltei a este mesmo sítio porque é também o lugar de nascimento da Sociedade Mont Pèlerin, lugar de promoção do neoliberalismo económico.

Como prepara um filme sobre um assunto também complexo como o circuito monetário internacional?

O importante é ter êxito em assumir o tema. Antes mesmo de conhecer os seus nomes, eu sabia exactamente o que queria encontrar. Para preparar a rodagem tinha a lista das funções ou os cargos dos interlocutores potenciais: um investidor austríaco na Ásia, o director do Banco Mundial ou ainda o presidente da Câmara Municipal de Jersey. Certamente, nem todos os encontros se puderam fazer, mas no conjunto recolhi os testemunhos que desejava.

Como convenceram os magnatas da finança para que o recebessem?

Desde o sucesso internacional de *We feed the world* (um milhão de espectadores no mundo), as pessoas sabem que não milito a favor do grande capital... Este facto complicava as diligências. Foi por isso que contratei um famoso jornalista austríaco para assegurar a função de intermediário entre os financeiros e eu próprio. Isto nem sempre funcionou como o teria desejado... a persuasão exige muito rigor e muita obstinação. Para *We feed the world* encontrei todos os interlocutores antes da rodagem com o objectivo de os convencer olhos nos olhos. Isso levou três anos...

O dinheiro pode ser um tema extremamente abstracto. Como se filma um valor?

Tentei captar imagens fortes que tivessem vestígios evidentes desta corrida ao dinheiro. Quando filmei as gigantescas estufas espanholas para *We feed the world* já tinha localizado os enormes complexos turísticos fantasmas da Costa do Sol. Aí está uma consequência muito concreta da especulação: paisagens devastadas, construções imundas que apodrecem ao sol, enormes quantidades de água desperdiçadas para manter os terrenos de golfe dos quais ninguém se aproveita... Queria também rodar em Jersey: o dinheiro é aí invisível mas está em algum lugar, por detrás dos calhaus e da areia, somas colossais prosperam tranquilamente. E depois, certamente, tinha de

mostrar a miséria gerada por esta apropriação de dinheiro por alguns: a pobreza absoluta, tal como se encontra nos bairros de lata das grandes cidades indianas.

O que significa este nós a que se refere o título?

É o mesmo “nós” que se encontra em *We feed the world*: dirige-se a todos nós, cidadãos dos países ricos. É uma maneira de responsabilizar as pessoas, de lhes fazer ver que o que eles vêem no ecrã também a eles se refere. Para além disso, *Let's make money* é realmente o slogan destes vinte últimos anos. Há qualquer coisa de lúbrico nesta fórmula, que faz pensar numa outra expressão anglófona: “let's make love”. Imagina-se muito bem um banqueiro que se levanta numa bela manhã com esta ideia de avidez na cabeça: “Vamos ganhar o nosso”.

O que é que mais o marcou neste seu trabalho?

Tive o sentimento de um imenso desperdício de massa cinzenta. Para perdurar, o sistema capitalista absorve completamente a energia dos nossos melhores cérebros, a energia das pessoas com mais formação das nossas sociedades. Em vez de se utilizar a sua inteligência para tratar dos problemas urgentes do planeta, estas passam o seu tempo a questionar-se como é que podem maximizar os ganhos no menor espaço de tempo possível. É desolador.

De um ponto de vista emocional, o que é mais impressionante é evidentemente a pobreza dos esquecidos da máquina de fazer dinheiro. Involuntariamente, todos nós somos responsáveis pela sua miséria porque é efectivamente o nosso dinheiro, ou pelo menos uma parte dele, que os bancos injectam no circuito. A única alavanca que temos para nos opor a este processo é o nosso boletim de voto.

***Let's make money* já saiu há vários meses na Áustria, na Alemanha, na Suíça. Como é que o público reage?**

Recebo diariamente pequenos textos dos espectadores. Quer se goste dele ou não, o filme não deixa ninguém indiferente. Quando no festival de Sundance se programou a sua projecção, em Janeiro passado, o debate que se lhe seguiu quase que ia virando tudo em modo de guerra civil: de um lado, os que têm em conta a dureza da realidade e querem agir para mudar este estado de coisas; do outro, os incrédulos que consideram o filme um conjunto de mentiras. Quanto às reacções dos políticos, estas não se fizeram esperar: em Viena, a cidade começou a comprar os eléctricos que o filme denunciava como alvo de privatização. É certo, a crise passou por estes lados...

Precisamente, o filme sai em plena crise. Ironicamente, este facto corre o risco de o beneficiar...

Let's make money crítica um sistema e, no momento em que sai para as salas, a realidade dá-lhe razão... É verdade que não teria podido sonhar com uma campanha de marketing mais eficaz. Contudo, não sou um ganhador com a crise, contrariamente ao meu produtor que esfrega as mãos de contente ... Mais seriamente, quando comecei a rodar o filme não pensava que a crise estivesse tão perto de rebentar. Em contrapartida, nunca duvidei do seu carácter inelutável: não há nada de feiticeiro nisto, é suficiente analisar friamente o sistema para compreender que estava descrito nas paredes. O pior, é que todos os financeiros que se vêem no filme já o sabiam, eles também, que a crise iria rebentar: não quiseram ver, o mais urgente para eles, era fazer, era ganhar, dinheiro. E rapidamente.

Mathilde Blottière, “Entretien avec le réalisateur de *Let's make money*”, disponível em <http://www.telerama.fr/cinema/entretien-avec-le-realisateur-de-let-s-make-money,41666.php>, 16 de Abril de 2009

